

# XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

PPGAC/UNIRIO

## ENTRE A QUEDA DO CÉU E O AVANÇO DO MAR – TEATRALIDADES DO FIM

*Fernando Codeço*

Fernando Codeço | Doutorado  
Linha de Pesquisa | PCT  
Orientadora | Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Flora Sússekind

É artista visual, designer gráfico, ator e pesquisador. É mestre em Artes Cênicas pela UNIRIO e bacharel em Teoria do Teatro pela mesma instituição. Entre 2004 e 2007, atuou em alguns coletivos de dança-teatro. Foi co-criador do coletivo de vídeo-performance “Projeto Cérbero”, que realizou 18 ações performáticas entre dezembro de 2008 e março de 2011. Desde 2005 vem desenvolvendo trabalhos transdisciplinares envolvendo diversas mídias e questões relacionadas à antropologia, filosofia e psicanálise. Entre 2013 e 2014, realizou o curta-documentário *Olympias*, no qual apresenta seu trabalho com as travestis que se prostituem nos bairros da Glória e da Lapa no Rio de Janeiro; este trabalho foi exibido em diversos festivais de cinema no Brasil e no exterior, passando por cidades como Berlim, Estocolmo, Bogotá, São Paulo, Santos, Belo Horizonte, Recife entre outras. Como arte-educador, trabalhou no CCBB-RJ, Casa França-Brasil, Sesc-Copa e MAM-RJ.



## ENTRE A QUEDA DO CÉU E O AVANÇO DO MAR – TEATRALIDADES DO FIM

Fernando Codeço

Profª Drª Flora Sússekind | Orientadora

O projeto se constitui a partir de uma metodologia de *pesquisa-ação* na praia de Atafona no município de São João da Barra, local que há 50 anos vem sofrendo intenso processo de erosão marinha (o mar já avançou 400 metros e destruiu mais de 500 casas). O projeto se propõe a: realizar uma vivência de campo onde se investigará o imaginário da população de Atafona sobre o fenômeno do avanço do mar, bem como as estratégias de adaptação neste cenário em constante transformação; produzir uma reflexão teórico-conceitual sobre as teatralidades do fim, isto é, sobre o imaginário do “fim” (do mundo, da arte e da crítica) no pensamento e na arte contemporânea; refletir sobre os regimes biopolíticos de valor (subjetivo, econômico, cultural) no contexto brasileiro contemporâneo e em particular no Estado do Rio de Janeiro, bem como sobre as possíveis linhas de fuga ou transvalorações que ocorrem no interior destes mesmos regimes; analisar algumas manifestações culturais (artísticas, políticas, existenciais) que operam o que estamos chamando de *teatralidade em trânsito*, isto é, ações que chacoalham a estabilidade das máscaras sociais, denunciam falsos valores, escapam aos binarismos da linguagem, da normatividade e dos regimes hegemônicos de verdade; e finalmente criar um espaço de produção cultural e residência artística em Atafona, a *CasaDuna – Centro de Arte, Pesquisa e Memória de Atafona*.

**A teatralidade em trânsito** é um conceito que surge na escrita do meu pré-projeto de doutorado, ele é ao mesmo tempo uma figura conceitual e uma metodologia de trabalho, decorre de outro conceito que criei no âmbito de minha pesquisa de mestrado: *antropografias*. Termo este que utilizei para nomear minha prática artística nas ruas da

# XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

PPGAC/UNIRIO

Lapa com as travestis e moradores de rua. Se, por um lado, aqui a teatralidade está em trânsito com outras áreas tais como o cinema, as artes visuais, a psicanálise, a filosofia e a antropologia. Por outro ela é, sobretudo, uma *estética da existência* (FOUCAULT, 1984), isto é, uma prática que visa a própria vida como campo de criação, como modo de existências errantes. O trânsito da teatralidade como *estética da existência* tem sua origem nas manifestações filosóficas dos cínicos na antiguidade greco-romana, em particular, nas ações públicas escandalosas e despudoradas de Diógenes de Sinope e em seu gesto primordial de desfigurar ou falsificar a moeda corrente, isto é, mudar o valor da moeda. A teatralidade em trânsito é, portanto, uma *transvaloração de todos os valores* (NIEZSCHE, 1998) que se dá em certas manifestações que implicam a própria vida, que colocam a vida em jogo, em risco, pois são indivíduos que com a nudez (simbólica e ou literal) de seus corpos, frágeis e vulneráveis, mas em plena potência, manifestam uma verdade selvagem que desestabiliza os valores estabelecidos, enrijecidos, despóticos de nossa sociedade, abrindo espaço para circulação de outros valores, de outras formas de existências, enfim, de *vidas outras* (FOUCAULT, 1984). Contribuem para dar corpo a este conceito o pensamento de Roland Barthes sobre teatralidade, que está presente em toda sua obra, mas, sobretudo, no modo como aparece no curso sobre o *Neutro* (BARTHES, 2003), as recentes discussões de Judith Butler sobre o conceito de performatividade (BUTLER, 2015), o conceito de Te-ato de Zé Celso Martinez Correa (CORREA, 2008) e as práticas artísticas de *program in progress* de Hélio Oiticica (OITICICA, 2005).

**As teatralidades do fim** são análises que buscarei realizar de diferentes manifestações artísticas, filosóficas e religiosas que anunciam o fim do mundo ou fim de um mundo. Aqui o livro *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami* (ALBERT & KOPENAWA, 2015) e as pichações apocalípticas nas ruínas de Atafona são dois eixos condutores para uma reflexão ensaística sobre a percepção de um *imaginário do fim* que vem operando como uma espécie de zeitgeist contemporâneo.

# XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

PPGAC/UNIRIO



Atafona, 2017. Fonte: acervo do autor

**Valor Zero** – produção de um ensaio histórico-filosófico sobre a ideia de *valor zero* a partir do estudo de caso do processo de erosão marinha que já vem acontecendo a mais de 50 anos e que até hoje não foi objeto de maiores atenções por parte da política nacional. Recentemente a atual prefeita de São João da Barra, Carla Machado, sob a pressão de movimentos organizados pela população decretou estado de emergência, é a primeira vez que isto acontece num fenômeno que já dura mais de meio século. Compreendendo que o valor é um conceito fluido que envolve economia, cultura e política, consciente de que se trata de algo construído historicamente, refletir sobre a ideia de *valor zero* que parece ser possível observar em pequenas cidades pelo Brasil, tais como São João da Barra, que podem sumir do mapa sem provocar grande interesse seja dos governantes, seja dos grandes meios de comunicação, cidades que vem sendo, desde sua formação colonial, abandonadas a própria sorte.

Aqui se abre uma discussão sobre o nativo de São João da Barra: o pescador *muxuango*. Uma população branca, loira, de olhos claros e de origem incerta, possível

# XVII COLÓQUIO

do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

PPGAC/UNIRIO

miscigenação entre piratas nórdicos que naufragaram no cabo de São Tomé e indígenas... (LAMEGO, 1974). Conceitos tais como "incivilizados", "involuídos" são usados pelo famoso geógrafo e historiador campista Alberto Ribeiro Lamego para depreciar esta população e aproxima-la da categoria de indígena, estes últimos é que teriam fornecido as técnicas artesanais de pesca e a base do modo de vida do *muxungo*. Vê-se, portanto, no discurso de um dos mais importantes intelectuais campistas do início do séc. XX a patente influência indígena no *muxungo* como um fator depreciação cultural, a população é lida, por este fato, como primitiva, estagnada e sem valor. O ambiente árido e pouco fértil da restinga contribuiu para a desvalorização histórica da região. Não se trata, contudo de buscar nesta "falta de valor" das terras São-joanenses uma causa para o efeito da falta de investimento público na região, mas de observar como a construção histórica de discursos que conformam valores sobre este município e especificamente a população mais vulnerável e afetada pela erosão marinha.

**CasaDuna – Centro de Arte, Pesquisa e Memória de Atafona** - casa-conceito, centro de criação coletiva, residência artística e produtora cultural que se instala temporariamente em uma propriedade que se encontra na área de risco de erosão marinha na praia de Atafona. Entre os meses de maio de 2017 e junho de 2018 estarei habitando e trabalhando na *CasaDuna*. As ações produzidas na *CasaDuna* e a pesquisa de campo sobre a memória e o imaginário dos moradores a respeito da erosão marinha se retroalimentarão, conduzindo assim a este modelo metodológico que estamos chamando de *pesquisa-ação*. No final da pesquisa a *CasaDuna* será tema de um ensaio que deverá relatar e refletir sobre as diversas atividades que ocorreram neste centro.

## REFERÊNCIAS:

CASADUNA – CENTRO DE ARTE, PESQUISA E MEMÓRIA DE ATAFONA. Disponível em: <<https://www.casaduna.org/>>. Acesso em: 20 set. 2017.